

Proposta brasileira é bem *diversa* recebida

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Os novos detalhes que emergiram ontem sobre a proposta do Brasil ao comitê assessor de bancos para reduzir sua dívida externa continuaram recebendo uma calorosa acolhida dos banqueiros. O principal título da dívida externa do País, com isso, alcançou seu preço mais alto em dois anos, chegando a cruzar os 39 centavos por dólar pela manhã.

"A reação foi muito positiva. Os bancos esperavam algo mais agressivo da parte do Brasil e ficaram surpresos porque a proposta é razoável", disse um diretor-gerente do MG First Boston, Conor O'Driscoll. "A impressão que me ficou, conversando com gente que leu a proposta, é que o Brasil quer mesmo fazer um acordo rápido com os bancos", disse um vice-presidente da Salomon Brothers, Paul Masco.

Houve quem reagisse com cautela, embora positivamente, como a vice-presidente sênior do Chase Manhattan Bank para o mercado secundário, Kathy Galbraith: "O rumo da proposta é bom, mas até que saibamos detalhes sobre o tipo de garantia colateral não dá para ter uma impressão definitiva".

A maioria das reações foi ainda mais animada. "Estou muito satisfeita, o Brasil veio com uma proposta realista, que os bancos podem discutir", afirmou uma vice-presidente da Socimer, Ana Wang. "Pelo que soubemos, a reação no comitê assessor foi muito positiva", disse Alexis Habib, vice-presidente do Banque Indosuez em Paris. "Não sei se a proposta do Brasil será definitiva, mas dá uma boa impressão", disse um diretor-gerente do Bankers Trust, Pierre Durand.

Um banqueiro do comitê assessor disse a este jornal que "a proposta é boa, mas certamente vamos apresentar uma contraproposta".

A lista inclui a situação das negociações do País com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e as projeções de balanço de pagamentos, inflação e déficit público para o período previsível à frente. Um outro banqueiro disse que o FMI não foi explicitamente mencionado, mas é considerado implícito.

(Ver página 28)